

PARALISIA CEREBRAL EM CRIANÇAS

Lucinalva Brito de Cerqueira*
Lílian Miranda Bastos Pacheco**

Resumo: *Este trabalho teve como objetivo investigar e analisar como tem sido abordado o tema paralisia cerebral (PC) em crianças, no que se refere ao seu desenvolvimento psicoeducacional nas produções acadêmicas divulgadas nas bases de dados Index Psi e Scielo. Foram encontradas vinte e oito pesquisas, que contribuem para a divulgação e o aprimoramento do conhecimento sobre o desenvolvimento das crianças com PC. Os estudos envolvem diversos aspectos e foram agrupados segundo quatro temáticas: diagnóstico e equipe de profissionais, intervenções psicoeducativas, integração social e família. Conclui-se que é bastante limitado o número de estudos direcionados a crianças com PC, principalmente no que se refere ao setor educacional. Por isso, é bastante salutar que se investigue mais sobre este problema para que essas crianças sejam auxiliadas no seu processo de desenvolvimento.*

Palavras-chave: Paralisia cerebral; Criança; Família; Inclusão social

As crianças com Necessidades Educativas Especiais – NEE – enfrentam sérios problemas de adaptação. Em nossa sociedade elas são acolhidas em algumas instituições sociais como a família, a escola e centros de reabilitação, envolvendo, portanto, uma assistência tanto na área educacional como da saúde. É importante conhecer as características de cada diagnóstico diferencial assim como o potencial de aprendizagem da criança, para que se possa fazer uma intervenção favorável ao seu desenvolvimento.

A escola é uma das instituições sociais mais importantes para transformar a realidade da exclusão social e, com isso, favorecer o desenvolvimento infantil. Entretanto, é necessário planejamento para que o processo de inclusão no ensino de pessoas com NEE consiga ter sucesso. Com isso, seria possível perceber atitudes menos segregadoras e mais inclusivas por parte dos membros da comunidade escolar.

Por sua vez, o trabalho no centro de reabilitação deve ser desenvolvido por uma equipe interdisciplinar, fundamentado em uma concepção do sujeito como um todo, que possa identificar as áreas afetadas e os recursos que o indivíduo tem. Tais informações são fundamentais para o planejamento de uma intervenção orientada, que auxilie a criança no seu processo de descoberta e organização pessoal. Tal trabalho exige uma inter-relação constante entre os profissionais da área.

Não é apenas a criança com NEE que precisa de assistência especializada, a família também. O primeiro impacto vem com a notícia. A família que vem gestando uma vida vê toda sua expectativa de reverter em uma ferida narcísica. Apesar de pessoalmente atingido, precisará canalizar seu ser para uma ação de cuidados e acompanhamentos especiais. É fundamental o acompanhamento sistemático às famílias. Infelizmente, a maioria desses pais não recebe as

* Graduanda de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/DEDU-BA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – GEEI.

**Profa. orientadora Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE/UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – DEDU/UEFS – BA. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – GEEI.

orientações nem a ajuda necessária.

É bastante complexa a caracterização de crianças com NEE. Por isso este trabalho objetiva analisar, dentre as deficiências, a paralisia cerebral (PC), por ser esta bastante estigmatizada na sociedade e pela diferença de prognóstico para esses indivíduos, quando devidamente diagnosticado e submetido à estimulação precoce.

A paralisia cerebral é um dos mais frequentes problemas neurológicos, podendo acarretar deficiências físicas e/ou mentais. Estima-se que a ocorrência é de seis casos a cada mil crianças nascidas vivas. (PETEAN, MURATA, 2000)

Este estudo partiu da indagação: de que tratam as pesquisas sobre PC em crianças no que se refere ao seu desenvolvimento psicoeducacional? - foram consultados dois bancos de dados, o *Scielo* e o *Index Psi*.

Pôde ser observado que algumas pesquisas, bastante interessantes, têm sido feitas para aprimorar o conhecimento sobre o desenvolvimento das crianças com PC. Os estudos envolvem várias áreas e foram agrupados segundo quatro temáticas: diagnóstico e equipe de profissionais, intervenções psicoeducativas, integração social e família.

DIAGNÓSTICO E EQUIPE DE PROFISSIONAIS

Ao se referir ao diagnóstico, Alegretti, Mancine e Schwartzmar (2002) realizaram um estudo para traçar o perfil do desempenho funcional de crianças com paralisia cerebral. Para realizar esta pesquisa avaliaram 10 crianças normais e 10 com PC. Ao compararem áreas de desempenho funcional perceberam diferenças significativas nas áreas de autocuidado e mobilidade. Constataram que o impacto desta patologia no perfil funcional das crianças foi manifestado, principalmente, em atividades que envolvem coordenação bimanual e nas atividades de transferência. Com isso, foi possível diferenciar estratégias de avaliação e de intervenção em crianças com PC.

Audi (2001) apresenta o psicodiagnóstico de uma criança com PC, contribuindo, assim, com uma reflexão sobre diferentes maneiras de se compreender esta condição. Afirma, concordando com muitos outros autores, que aspectos psicossociais e emocionais são responsáveis pelo baixo desenvolvimento na área cognitiva, visto que a interação da criança com seu meio social e com seu corpo interfere no desenvolvimento como um todo. As sensações são vitais para a vida, têm um papel impulsionador de toda atividade motora e desenvolvimento perceptual.

Caram, Funayama e Spina (2006) trazem um importante estudo sobre o alcance de causas de atraso no desenvolvimento neuromotor. Elas apresentam a experiência em Pediatria, Neurologia e Genética Clínica, de 73 crianças de 1 a 47 meses, do Programa de Estimulação da APAE de Batatais - SP, entre 1999 e 2001. Ao analisarem a proporção com que os antecedentes e exames contribuíam para o diagnóstico, perceberam que os exames de imagem foram os mais satisfatórios para aqueles que tinham distúrbios motores e macrocefalias. Já nos demais casos, o exame físico na criança e os antecedentes maternos foram suficientes. Das crianças observadas, detectaram as causas do retardo no desenvolvimento neuromotor em 48 crianças (66%), sendo 38,4% de origem ambiental e 24,6% genética. Com isso, perceberam que é relevante uma avaliação especializada, como também, a necessidade de fluxo adequado de informações na rede de saúde.

Freitas Junior (1980) discute o conceito de paralisia cerebral enfatizando a importância da focalização pluridimensional dos casos e a contribuição de Lúria ao demonstrar o papel da linguagem na estruturação dos processos mentais. Destaca a importância dos testes gráficos

psicomotores no diagnóstico dos casos imperceptíveis aos exames de rotina, como também afirma que o tratamento terapêutico depende do nível de severidade da PC. Ele cita o exemplo de um antigo paciente para confirmar que, com o diagnóstico e o tratamento bem qualificado, a criança tem como desenvolver seu potencial e alcançar avanços incríveis.

É grande a necessidade de profissionais com qualificação especializada, que possam fazer uma avaliação e planejamento de intervenções que favoreçam o desenvolvimento das crianças com PC. Para que a sociedade tenha condição de enfrentar o desafio de acolher todas as pessoas, independente de suas condições físicas ou mentais, todos os profissionais da área educacional e, em especial, os docentes precisam contar com ajuda e apoio em caráter permanente de outros profissionais. Faz-se necessário o assessoramento ao desenvolvimento da atividade docente.

Ayub (2005) analisa um programa de oficina cultural, da Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo em parceria com o Centro de Convivência Movimento. Ela afirma que este programa possibilita processos de reflexão sobre as dificuldades do professor da rede pública de ensino devido à inserção de alunos com NEE em sala de aula. É imprescindível um trabalho que envolva o professor, o aluno com NEE e a família.

Através dessas oficinas oferecidas, foi possível proporcionar a desconstrução de conceitos apriorísticos com relação às pessoas com NEE e suas famílias, possibilitando com isso a formulação de um pensamento mais questionador, como também favorecendo a esses profissionais a condição de serem participantes do processo.

Um maior nível de equidade no contexto educacional implica avançar em direção à criação de instituições que promovam a educação na e para a diversidade, entendida como recurso para a melhoria da qualidade de vida, fonte de enriquecimento humano.

A integração de crianças com qualquer tipo de deficiência exige, como condição necessária, que exista um projeto de educação concreto, considerando suas necessidades especiais. Isto quer dizer que a integração dessas crianças é um problema que deve ser assumido por equipes multidisciplinares, para que resultem diagnósticos coerentes e bem estruturados.

Ferreira (1963), ao estudar sobre PC, considera inicialmente a necessidade de um trabalho de equipe num centro de reabilitação que se baseie na concepção da personalidade como um todo, exigindo uma inter-relação constante entre os técnicos. Sublinhando inclusive, a importância de uma orientação sistemática aos pais de crianças com PC.

INTERVENÇÕES PSICOEDUCATIVAS

Falar sobre intervenções psicoeducativas é falar sobre ensino, sobre o potencial de aprendizagem do ser humano, para além de suas limitações, como também das possibilidades de desenvolvimento de programas de reabilitação para favorecer a formação integral do indivíduo.

Antes de qualquer coisa, urge esclarecer algo sobre a PC. Esta ocorre em decorrência de lesões cerebrais, que podem causar déficits neuromotores e/ou mentais. Por conta disso muitos, erroneamente, acreditam que esse problema impossibilita os avanços das potencialidades do indivíduo acometido por essa lesão. Entretanto, graças à plasticidade cerebral, que é a capacidade de reestruturação do cérebro, o desenvolvimento, ou melhor, a reabilitação de uma criança com lesão cerebral é bastante possível. Infelizmente, confirmando o que está sendo dito, só foi encontrado nas fontes pesquisadas um único estudo relacionado à plasticidade cerebral e PC, o de Silva (2000), que investigou sobre a neuroplasticidade no desenvolvimento de crianças com paralisia cerebral. Percebe-se com isso que esse é um campo muito favorável a novos questionamentos e novas pesquisas.

Quanto ao ensino, Rodrigues e Medeiros (2001) fazem um estudo voltado para a área da aprendizagem que lida com a leitura e a escrita, ensinadas através de um procedimento de escolha de acordo com o modelo (mathching to sample) com crianças com PC, vinculadas a um serviço de reabilitação e ao ensino regular. Com este processo de ensino-aprendizagem, esses sujeitos começaram a ler os fatos com compreensão, ainda que limitadamente. Eles ainda puderam observar, através de depoimentos de pais e professores, como também observação direta em sala de aula, algumas mudanças no comportamento acadêmico dos sujeitos em sala de aula, facilitando sua relação tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Yoshimura, Kasama e Rodrigues (2006) desenvolveram um estudo com o objetivo de descrever habilidades receptivas de uma criança com paralisia cerebral diplégica espástica, filha de brasileiros, nascida no Japão, exposta aos idiomas português e japonês. Concluíram que apesar da gravidade das alterações motoras, as capacidades intrínsecas desta criança, as possibilidades senso-perceptivas e estimulação ambiental favoreceram o desempenho receptivo nos dois idiomas, japonês e português.

Com a preocupação de compreender e trabalhar o processo de aperfeiçoamento de habilidades cognitivas, Pfeifer (1997) realizou um estudo sobre o desenvolvimento motor e aquisição de habilidades cognitivas em crianças portadoras de paralisia cerebral; Morais (1998) fez uma ampla revisão dos mecanismos envolvidos com a produção normal da voz e a relação desta com a fala em crianças portadoras de transtornos neurológicos, especialmente a PC; e Pinto (1998) apresenta o programa Hanen para pais de crianças portadoras de retardo de linguagem. Ainda cabe apresentar o estudo de Nadi (1992) sobre educação condutiva segundo o Método Peto.

Também foram encontrados alguns trabalhos que evidenciam a preocupação com programas que apresentam possibilidades de reabilitação para favorecer o desenvolvimento integral do indivíduo com PC. Torre (1992) escreve sobre a integração dos Métodos Bobath e Peto para o tratamento educativo em crianças portadoras de paralisia cerebral. Já Braccialli e Ravazzi (1998) desenvolveram um trabalho utilizando a dança e a experimentação sensorial, observando as relações entre ritmo, desenvolvimento motor e socialização de crianças com PC. Eles constataram que, no aspecto ritmo, as crianças conseguiram acompanhar a marcação de tempo proposto por meio de palmas, instrumentos musicais e movimentos coreográficos. Quanto ao desenvolvimento motor, verificaram melhoras nas atividades que exigiam a execução de movimentos simétricos ou dissociados de membros superiores. Também notaram maior independência nas atividades de vida diária, melhora na auto-estima e asseio pessoal. Já Rodrigues e Schewinsky (2000) discorrem sobre o desenvolvimento psicomotor em crianças com PC, destacando seus aspectos psicossociais.

A fim de identificar recursos que favorecem a reabilitação de crianças com PC, Zerbinatti (1996) faz um estudo sobre equipamentos alternativos de adaptação para crianças com PC; Capovilla, Thiers, Macedo e Duduchi (1997) apresentam um sistema de multimídia para o ensino de símbolos Bliss a paralisados cerebrais que foi desenvolvido e aplicado para comparar a eficácia concernente aos emparelhamentos Símbolo-Vocabulo (SV), Símbolo-Figura (SF) e Símbolo-Palavra Escrita (SP). Por meio disso, enfatizam relevante a programação de ensino, e resultados sugerem que a vantagem do emparelhamento SV decorre da modalidade dupla visual-auditiva, oferecendo evidência de aprendizagem emergente e direta. Por sua vez, Orlando Filho, Zenha, Couto, Rodrigues, Lage e Almeida (2006) afirmam que o Software Comunique e as tecnologias assistivas podem ser valiosos recursos para a aprendizagem das pessoas com necessidades educativas especiais – no caso, pessoas com paralisia cerebral.

INTEGRAÇÃO SOCIAL

A defesa da inclusão das minorias nos ambientes de escolas regulares se baseia no fato de que todo cidadão tem os mesmos direitos. Entretanto com relação às pessoas com algum tipo de NEE isso é bastante negligenciado por quase toda a comunidade social, principalmente na sociedade que valoriza a beleza física. Isso se agrava ainda mais se a pessoa com NEE tiver comprometimento motor com alteração da aparência física.

Almeida-Verdu, Fernandes e Rodrigues (2002) investigam sobre as condições para que ocorra a inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais. Observaram a implementação de práticas inclusivas e aspectos de planejamento educacional com o objetivo de estabelecer condições para que a comunidade de uma escola pública do ensino fundamental apresentasse atitudes inclusivas. Constataram que para que isso ocorra com sucesso, é necessário planejamento.

Ao analisar as práticas educativas escolares, e verificar em que medida essas práticas contribuem para a inclusão do aluno com NEE, Leão, Garcia, Yoshiwra e Ribeiro (2006) constataram que o processo de inclusão do aluno física e social responde até certo grau às necessidades. No entanto, ao que se referem à aprendizagem, as práticas educativas não contemplam a especificidade curricular e de aprendizagem do aluno com NEE.

Marques, Oliveira e Santos (1998) fizeram um estudo sobre a integração de paralisados cerebrais com o objetivo de analisar o processo de integração destes no ensino regular. Concluíram que a escola deve estar preparada para entender a diversidade humana, sendo necessário que toda comunidade escolar repense sobre sua prática pedagógica e se abra para as mudanças necessárias à integração efetiva do deficiente no ensino regular.

FAMÍLIA

A sociedade de consumo, voltada para os ideais de beleza e juventude, não está preparada para lidar com temas frustrantes e limitadores como as deficiências, lesões ou a própria morte. Faz-se necessário assessorar a família no processo de tomada de consciência do diagnóstico e prognóstico de sua criança para que possa estimular adequadamente o seu desenvolvimento e a harmonia familiar.

Petean e Murata (2000) acreditam que o impacto de ter uma criança com PC é tão grande que chega a comprometer o estabelecimento de vínculo e a aceitação do filho. Ainda afirmam que essa família precisa de um longo processo para retomar o equilíbrio. Fizeram um estudo sobre paralisia cerebral com o objetivo de apreender qual o conhecimento que as mães possuem sobre PC e o impacto desta sobre a dinâmica familiar.

Bem e Wagner (2006) fazem reflexões, com base na literatura, sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em família de baixo nível socioeconômico. Esses autores entendem que a forma de pensar e de promover o desenvolvimento e a educação das crianças é construída na relação com contexto socioeconômico e cultural nos quais as famílias estão inseridas. Concluíram que é necessário pensar nas idiosincrasias do meio em que vivem as famílias de camadas populares, visto que elas refletem e são refletidas nos padrões de interação que se estabelecem entre os seus membros.

Granato e Aiello-Vaisberg (2002) escrevem sobre a preocupação materna primária, com o objetivo de traçar um paralelo com a experiência de maternidade vivida por mães que dão à luz crianças especiais. Freitas, Carvalho e Haase (2005), ao fazerem a relação entre o estresse

materno e a inclusão escolar com paralisia cerebral, objetivando analisar a relação entre estes, chegaram à conclusão de que o suporte social oferecido pela escola diminui o sofrimento psicológico de mães de criança com PC. Tobaquim e Lamônica (2002) fazem uma análise percentual de mães de filhos com PC sobre a atividade de banho, com o objetivo de analisar a percepção de mães quanto às dificuldades na realização de tarefas, durante a atividade de banho, chegando à conclusão de que informações sobre o manuseio adequado facilitam novos comportamentos, tanto para a mãe, que passa a valorizar reações atípicas do movimento e comportamentos motores mais ajustáveis, quanto para a criança, que beneficia o organismo e motiva a sua inter-relação com o meio.

Guazzelli, Stewien, Pereira e Lefèvre (2003) elaboram um trabalho que investiga o papel exercido pelos conhecimentos científicos em torno da paralisia cerebral no cenário da orientação familiar. Chegaram à conclusão de que a forma com a qual os conhecimentos e saberes científicos estão organizados em torno da paralisia cerebral interferem negativamente na orientação familiar.

Já Baroni e Guhurm (1999), ao investigarem a importância da família no processo de escolarização de seus filhos com PC, concluem que as famílias, apesar de possuírem pouco conhecimento sobre o diagnóstico, são capazes de acreditar, muitas vezes de maneira intuitiva, no potencial de seus filhos com PC, mesmo sabendo de suas limitações e estando frente a prognósticos quase sempre negativos. Com isso perceberam que a influência da família existe e pode ser decisiva durante o processo de escolarização de seus filhos. É importante a família compreender qual o real potencial de seus filhos, aceitando-os como seres humanos e conheça os recursos e técnicas que podem auxiliá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São grandes os problemas enfrentados por crianças com necessidades educativas especiais em nossa sociedade, em especial as que tiveram paralisia cerebral. Por isso é importante conhecer as características de cada diagnóstico diferencial, assim como o potencial de aprendizagem de cada criança, para que se possa fazer uma intervenção favorável ao seu desenvolvimento. Entretanto, é possível perceber através dessa pesquisa que ainda é bastante limitado o número de estudos direcionados a crianças com paralisia cerebral, principalmente no que se refere ao setor educacional. Faz-se necessário um maior número de investigações sobre este tema para que essas crianças sejam auxiliadas em seu processo de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALEGRETTI, Ana Luiza; MARCINI, Marisa C.; SCHWARTZMAN, José Salomão. Estudo do desempenho funcional de crianças com paralisia cerebral diparética espástica usando o pediatric evaluation of disability inventory (pedi). **Temas em Desenvolvimento**. V. 64, n° 11, p. 5-11, set.-out. 2002.

ALMEIDA-VERDU, Ana Cláudia Moreira; FERNANDES, Maristela Couto; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentim Rolim. A inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais: implementação de práticas inclusivas e aspectos de planejamento educacional. **Interação** (Curitiba); v.2, n°6, p.223-231, jul.-dez. 2002.

AUDI, Débora Amaral. Psicodiagnóstico de uma criança especial. **Psic**; v.2 n°2/3, p.67-77, 2001.

AYUB, Paula. O professor, o aluno com necessidades educativas especiais, a inclusão e a família. **Família e Comunidade**; v.2, n°2, p.47-64, dez. 2005.

BARONI, Alexandre Carvalho; GUHUR, Maria de Lourdes Perito. A importância da família no processo de escolarização de filhos com paralisia cerebral. **Teoria e Prática da Educação**, v.4, n°2, p.117-132, jun. 1999.

BEM, Laura Alonso de; VAGNER, Adriana. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em família de baixo nível socioeconômico. **Psicologia em Estudo**. v.1, n°11, p.63-71, jan-abr. 2006.

BRACCIALLI, Ligia Maria Presumido; RAVAZZI, Rosalina Monteiro de Queiroz. Dança: influência no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral. **Temas sobre Desenvolvimento**; v. 7, n° 38, p.22-25. maio/jun.1998.

CAPOVILLA, Fernando César; THIERS, Valéria de O.; MACEDO, Elizeu Coutinho de; DUDUCHI, Marcelo. Sistema de multimídia para ensino de símbolos bliss a paralisado cerebral: explorando processos de aprendizagem direta e emergente I. **Ciência Cognitiva**. v.1, n° 1, p. 301-352. jan.-jun. 1997.

CARAM, Luiza Helena Acerbi; FUNAYAMA, Carolina Araújo Rodrigues; SPINA, Cleide Íris et al. Investigação das causas de atraso no neurodesenvolvimento: recursos e desafios. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**. V. 64, n° 2b,p. 466-472. ISS 0004-282X, jun. 2006.

FERREIRA, Beatriz Helena Whitaker. A criança com paralisia cerebral. **Revista de Psicologia Normal e Patológica**. V.1/2, n°9, p.74-88, 1963.

FREITAS JUNIOR, Octavio de. Alterações psicológicas e psiquiátricas da criança com paralisia cerebral. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**; v.29, n° 1, jan./fev. 1980.

FREITAS, Patrícia Martins; CARVALHO, Rita de Cássia Lara; HAASE, Vitor Geraldi. Relação entre o estresse materno e a inclusão escolar com paralisia cerebral. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**.v.1/2, n°57, p.46-57, jan.-dez. 2005.

GRANATO, Tânia Mara Marques; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. A preocupação materna primária especial. **Psicologia Clínica**. v.2, n°14, p.87-91, 2002.

GUAZZELLI, Maria Elisabete; STEWIEN, Glacilda T; PEREIRA, Isabel Bicudo; LEFÈVRE, Fernando. As repercussões da organização dos conhecimentos científicos na paralisia cerebral no cenário da orientação familiar. **Psicologia Hospitalar**. (São Paulo); v.1, n°1, p.67-92, 2003.

LEÃO, Andreza Marques de Castro; GARCICA, Clarice Aparecida Alencar; YOSHIURA, Eunice Vaz Ferreira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Inclusão do aluno com dismotria cerebral ontogenética: análise das práticas pedagógicas. **Revista brasileira de educação especial**. v.12, n°2, p.1413-6538, ago. 2006.

MARQUES, Luciana Pacheco; OLIVEIRA, Luciana Aparecida de; SANTOS, Núbia Aparecida Schaper. Integração de paralisados cerebrais: um estudo. **Temas sobre Desenvolvimento**. v.7, nº40, p.16-23, set-out. 1998.

MORAIS, Regina Donnamaria. Fonoaudiologia aplicada a respiração, voz e fala de crianças portadoras de transtornos neurológicos. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.7, nº39, p.23-35, jul.-ago. 1998.

NARDI, Janice Maria Ortiz de. Educação condutiva: *Método Peto*. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.1, nº6, p.10-13, maio-jun. 1992.

ORLANDO FILHO, Ramon; ZENHA, Luciana; COUTO, Anna Paula Matos; RODRIGUE, Cacilda da Silva; LAGE, Leila Alvarenga; ALMEIDA, Sandra Aparecida. O uso do Software Comunique como recurso tecnológico no processo de ensino e aprendizagem de aluno(s) com paralisia cerebral. **Novas Tecnologias na Educação**. v.4 nº2 dez, 2006.

PETEAN, Eunice Beatriz Lopes; Murata, Marília Ferreira. Paralisia cerebral: conhecimento das mães sobre o diagnóstico e o impacto deste na dinâmica familiar. **Paidéia**; v.19, nº10, p.40-46, ago-dez. 2000.

PFEIFER, Luzia Iara. Comprometimento motor e aquisição de habilidades cognitivas em crianças portadoras de paralisia cerebral. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.6, nº31, p.4-13, mar.-abr. 1997.

PNTO, Maria Cristina Franca. Programa Hanen para pais de crianças portadoras de retardo de linguagem. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.7, nº37, p.45-49, mar.-abr.1998.

RODRIGUES, Lenice Martiniano; SCHEWINSKY, Sandra Regina. Aspectos psicossociais em crianças portadoras de paralisia cerebral. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.8, nº48, p.38-42, jan.-fev. 2000.

RODRIGUES, Valéria; MEDEIROS, José Gonçalves. Utilização da discriminação condicional no ensino da literatura e escrita a crianças com paralisia cerebral. **Estudos de Psicologia**. (Campinas); v.3, nº18. p.55-73, set.dez.2001.

SILVA, Renata Kesselring. A neuroplasticidade no desenvolvimento de crianças com paralisia cerebral. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.9, nº53, p.62-69. nov.-dez.2000.

TOBAQUIM, Maria de Lourdes Merighi; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cussim. *Análise perceptual de mães de filhos com paralisia cerebral sobre a atividade de banho*. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.61, nº11, p.5-9, marc-abr. 2002.

TORRE, Claudia Alcântara de. Integração dos Métodos Bobath e Peto para o tratamento educativo em crianças portadoras de paralisia cerebral. **Temas sobre Desenvolvimento**; v.2, nº8, p.18-24, set.-out. 1992.

YOSHIMURA, Roberto Minoru; KASAMA, Silvia Tiekko; RODRIGUES, Lidiane Cristina Barraviera et al. Habilidades comunicativas receptivas em crianças com bilingüismo português-japonês e paralisia cerebral: relato de caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v.12, nº3, p.413-422, set.-dez. 2006.

ZERBINATTI, Mônica. Equipamentos alternativos de adaptação para crianças com paralisia cerebral. **Temas sobre Desenvolvimento**. v.5, n°26, p.23-30, maio-jun. 1996.